



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

\* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho \*

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.<sup>o</sup>

Lisboa - PORTUGAL

End. telegr. Taltuba - Lisboa • Telefone 7?

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## A guerra social

### A QUESTÃO DA ARMÉNIA

A Gran-Bretanha, com o apoio prestado aos exércitos de Denikine, lançou tártaros do Azerbeijan na órbita da Rússia soviética que, pelo menos em parte, libertou os georgianos da sua supremacia. Parece aliás muito pouco provável que o comunismo soviético possa impor sobre os tártaros. Estes permanecem ainda num estadio mais ou menos feudal da civilização e o comunismo só poderia suceder à feudalidade sob a forma dum comunismo autocrático, logo ao dos incas ou dos jesuítas do Paraguai. O espírito de liberdade existe em todos os homens e que se tem desenvolvido no decurso da civilização individualista capitalista e industrial, opõe-se à generalização dum tal formalitarismo do comunismo. Quando ao comunismo libertário, só se pode estabelecer numa sociedade muito adiantada, baseada numa indústria muito desenvolvida. O comunismo está, portanto, muito longe de poder implantar nessa região asiática, e se a terminologia comunismo e soviétismo aparece na narrativa dos acontecimentos, a sua significação é de puro verbalismo, sob o qual se ocultam fenômenos sociais completamente diferentes do comunismo e soviétismo. De facto, esta terminologia económica que se começa a ver nos dias a propósito dos acontecimentos russo-asiáticos, designa fenômenos puramente políticos: a concreção e o desenvolvimento do nacionalismo tártaro, reto, árabe, etc. Este nacionalismo é a forma que reveste presentemente o espírito de liberdade, inherentemente a todos os homens e que se vêm desenvolvendo nos corredores dos tempos, e é preciso satisfazê-lo primeiro que o espírito de igualdade, o qual também é inherentemente a todos os homens e da mesma forma se tem desenvolvido no decorrer dos tempos.

Encontramo-nos actualmente, na Ásia Caucásica e na Ásia Menor, em presença dum mesmo fenômeno sociológico: a luta pela realização de fins nacionais. E' causa digna de ser notada — a força que actua para esta realização é a força soviética, cujo governo está nas mãos de socialistas internacionalistas, enquanto que a força que se opõe a esta realização é a da Gran-Bretanha e seus clientes no sentido latim da palavra, cujos governos estão nas mãos de capitalistas e pseudo-democratas, igualmente nacionalistas!

Georgianos e tártaros lutam pela sua independência, auxiliados pela república federativa dos soviets russos. A situação apresenta o mesmo aspecto na Arménia. Com efeito, ao lado do Azerbeijan e da Geórgia, encontram-se reses habitadas por arménios, povo cristão, inimigo de outros povos muçulmanos. A mistura é dificilmente destrinçável, tam misturados foram os homens no decurso da história pelas emigrações e imigrações, pelos fluxos e refluxos diversos das invasões. E' portanto, muito difícil a área do habitat dos arménios, que nestas regiões constituem a maioria dos habitantes. E tudo isto complica a situação.

Contudo, os arménios constituiram-se em república independente, com a capital em Erivan, e desde 1918 que reclamam o reconhecimento dos países vizinhos. Mas em vão! A Gran-Bretanha e os seus clientes-aliados teem recusado reconhecer-lhe a faculdade de auto-governo, e é sua opinião que a república da Arménia necessita dum tutor. Quem será o tutor? A Sociedade das Nações, encarregada de lhe encontrar um tutor. Aos Estados Unidos se dirigiu a Sociedade das Nações, pedindo-lhe que se encarregasse do mandato arménio. O presidente Wilson era de opinião que os Estados Unidos deviam aceitar este encargo, querendo por este meio combater o imperialismo britânico,

introduzindo a influência americana e democrática nesta região da Ásia. A Gran-Bretanha, e desde 1918 que venceu a Conferência da Paz ao seu vencedor cauteloso, Lloyd George. Entretanto, tal se não dará, porque o mundo americano, enfeudado aos republicanos imperialistas, recusou o mandato. Salvo raras exceções, o norte-americano é dum intelectualismo muito apurado. Sirva de testemunho o conteúdo das grandes revistas de Allem-Atlântico. Nunca estas revistas publicam estudos tão documentados e tão profundos como os que o leitor encontra nas grandes revistas europeias (britânicas e sobre-tudo francesas, alemãs, russas, italianas). As revistas americanas não publicam tais estudos profundos e sérios porque se o fizessem perderiam a maioria dos seus leitores e compradores. O norte-americano contenta-se com aparências de profundezas e seriedade, e na realidade lhe bastam causas superficiais. Não dispõe de tempo nem para aprofundar nem para se documentar, sendo um verdadeiro ignorante, e tanto mais que se julga um sabedor e um conhecedor. Na verdade, há na América do Norte homens dum alta inteligência, mas a maioria não canaliza os seus esforços no sentido do desenvolvimento da intelectualidade. Todo o esforço o aplicam na especialização, cujo efeito biológico consiste em afectar o desenvolvimento cerebral, diminuindo-o, por obrigar a ser unilaterais. Um dos efeitos desta mediocridade intelectual do norte-americano manifesta-se nos Estados Unidos pela tendência de julgar os homens pela efficiency, isto é, pelo éxito. Na verdade, o pensador europeu de menor categoria acostumado a encarar os fenômenos da vida na sua complexidade e na sua multiplicidade, sabe quanto tem de mesquinho este critério para aquilitar o verdadeiro valor dos homens e das suas produções na ordem científica, literária e artística. A mentalidade norte-americana conseguiu que o homem político americano médio não compreenda a essência das ideias e doutrinas emitidas pelos seus grandes homens: os Tomás Payne, os Franklin, os George Washington e os Monroe. Ao ver a letra julga conhecer o espírito. Por isso, quando encontra os seus destinos grande linhagem, desconhece-o naturalmente e faz-lhe mesmo uma tal oposição que o torna impotente. Foi esta a sorte do presidente Wilson. Com receio dum imperialismo estreito e mesquinho, o senado americano acusou o mandato na Arménia. Quer confinar-se na América, onde pretende exercer uma supremacia que, a desenvolver-se, irá provocar em toda a América Central e Meridional lutas sem fim. Mas sem dúvida, daqui a alguns anos, o desenvolvimento da classe operária nos Estados Unidos é a compreensão da verdadeira doutrina de Monroe pelos intelectuais americanos para termos a verdadeira manifestação deles na América.

As circunstâncias apresentam-se por forma tal que a Arménia não conseguirá encontrar um tutor no mundo ocidental. Necessariamente manter-seá como uma república independente, o que é o melhor que lhe pode acontecer, porque tinha todas as probabilidades de encontrar um tutor que a explorasse seu vergonha. Mas a república independente arménia, com os seus limites territoriais étnicos muito vagos, encontra-se entalada, dum lado, entre o Azerbeijan muçulmano, soviético e comunista na aparença; do outro, entre a Geórgia ortodoxa e democrata-socialista, muito forte internamente, mas fraca como auxiliar externamente; e também ainda entre os povos muçulmanos kurdos e turcos, que durante séculos se habitaram a fazer razias na Arménia. A república arménia tem absoluta necessidade em se apoiar nalguns dos seus vizinhos ou nas potências ocidentais. Faltando-lhe este último apoio, a república é impelida a procurá-lo no Oriente, onde historicamente o tem encontrado no decurso do século passado e é, portanto, levada pelas presentes condições políticas, a procurar o seu apoio na Rússia. Lénine teve o cuidado de não deixar fugir este trunfo no seu jogo, porque nele tem um factor poderoso de equilíbrio na sua aliança com Mustapha-Kemal-Pachá, o chefe do nacionalismo turco.

A actual situação apresenta-se por tal forma que a república federativa dos soviets tem uma aliança com a república dos soviets de Azerbeijan, suscitada por ela, com a república social democrática de Geórgia e com a república independente da Arménia. Esta situação é tam conforme à lógica dos interesses e dos factos que só pode confirmar-se e fortificar-se, em detrimento da política regionalista britânica, e com grande vantagem para o progresso humano.

Paris, Junho de 1920.

### O QUE NOS ESPERA FOME, FOME NEGRA

#### CULPADOS

Os detentores da terra e dos instrumentos de trabalho, que não semelham nem fomentam a produção — para promover a escassez e, portanto, a alta dos preços, sua aspiração máxima.

A guerra, além de todos os prejuízos morais e materiais que ocasionou, além das perdas em vidas e em baveres que produziu, desencadeou sobre os povos essa terrível calamidade que é o conflito revolucionário da ganância desenfreada com o assalto de um crime criminal, duas pestes que ameaçam subverter a humanidade num mar de lama e de sangue, os povos não se decidem a tempo, a fazer desaparecer da face da terra a perversa organização da sociedade que permite a existência perniciosa de tales anomalias.

A burguesia — abusando da passividade que as populações mostraram durante a guerra, marchando sem resistência para o matador, esquecendo toda a propaganda da paz e de revolta, feita através de tantos anos, — entendeu proprio este momento para melhor fixar o seu predominio, começando por vexar e provocar a massa trabalhadora, obrigando-a a comer toda a espécie de patrifícios, paga por bom dinheiro, e acabando por exortá-la, pelo envenenamento, a uma multidão sem vontade, fraca de cérebro e de corpo, incapaz de tomar uma atitude energética para sacudir a tirania da exploração capitalista.

Conseguido o seu intuito de ver facilmente afastado o perigo duma revolução popular, originada na falta dos gêneros mais essenciais à vida, os burgueses compreenderam, sem custo, que estava encontrado o grande filão, e que podiam continuar a explorá-lo sem maiores riscos.

O povo sujeitou-se a tudo, a não ter que comer e a digerir quanta bodega lhe apresentaram e por que lhe exigiram preços exorbitantes, ficando reduzido a um esfregão, porque ele perdeu toda a dignidade, visto que não ingeria que se assambarca, que se provoca precipitadamente a escassez, para que os seus inimigos consigam fazer grandes fortunas, que tudo permitem aos seus detentores, desde a prática das perversidades mais repugnantes até obter o silêncio cúmplice das consciências que se prostituem por cobardia ou por desvergonha.

Pois, não saber a grande sementeira que este benemerito do povo mandou fazer, para assim acudir ao grande desfile que nos atinge no respeitante à alimentação pública.

Esse lavrador dignou-se mandar sete dias moios, ou seja 120 alqueires de 14 litros, que poderão produzir, em média, 15.000 a 22.500 quilos, o que representa uma diferença para menos de 2.235.000 a 3.352.500 quilos, podendo considerar-se isto um crime de lesa-humanidade, e para maior é ser basta saber-se que as terras donde se poderia tirar esta avultada quantidade de arroz estão por cultivar, não só tirando delas produto algum. Note-se que esta cultura é das que mais barato ficam, visto que não leva estrume ou os trabalhos são feitos com certa rapidez.

Este benemerito da pátria ainda fez mais: além de ter semeados, querer dizer, mandado semear pouco arroz, os trabalhos têm sido feitos só por mulheres, isto para fugir ainda mais à poluição, que lhe acarreta a pequena cultura, não obstante todos os pequenos sequeiros de arroz mandarem fazer os trabalhos por mulheres e por homens.

Este sr. Santos Jorge não venderá arroz este ano, porque a colheita será para as necessidades da casa e para as sementes, não sobejando coisa que se venha.

Em compensação a colheita do vinho tende a aumentar, porque assim convém aos interesses dos lavradores e porque é preciso que haja bastante álcool para embrutar o cérebro do povo, pois, que só assim os burgueses mantêm a terra-mãe em seu poder, a qual de direito só pertence aos verdadeiros trabalhadores por mulheres e por homens.

Este sr. Santos Jorge não venderá arroz este ano, porque a colheita será para as necessidades da casa e para as sementes, não sobejando coisa que se venha.

Em compensação a colheita do vinho tende a aumentar, porque assim convém aos interesses dos lavradores e porque é preciso que haja bastante álcool para embrutar o cérebro do povo, pois, que só assim os burgueses mantêm a terra-mãe em seu poder, a qual de direito só pertence aos verdadeiros trabalhadores por mulheres e por homens.

No caso que aponto e nouros parecidos, compreende-se a existência dum intuito: fazer todo o possível para originar a escassez dos gêneros alimentícios, o que é duplamente criminoso, porque condensa a população à fome e força-a a pagar por preços exorbitantes o que se poderia vender mais barato, se houvesse abundância.

E' criminoso e até estúpido, pois se lavradores a que me refiro tivessem feito a grande sementeira como disse, tiraria lucros enormes.

«Não será isto um crime de lesa-humaniade? O povo não chamará à responsabilidade, os culpados das torturas porque é passa? Veremos os resultados».

Assim termina o nosso camarada o seu informe. Sera interessante, repetimos, que outros camaradas lhe seguissem o exemplo.

Chegam-nos da província notícias de soviados sobre a produção agrícola. Sempre se poucou por calcular, as docas e outras causas inutilizaram parte das colheitas; as consequências há de sofrer a classe trabalhadora, que continuará no regime vergonhoso das bilhaches e no desassossego das greves, pois que indo a carestia da vida sempre num contínuo aumento, os salários terão de aumentar, fazer dêle o animal passivo que era o escravo dos negrados tempos do passado.

E' hão de conseguir-lo, se o povo não se prepara para fazer lhes engolir todo o seu ouro ensanguentado e lamenado, de forma que os façam estoivar de indignação.

Em quanto a população pobre se apresenta cada vez mais fadada e esfarrapada, a burguesia estadia, orgulhosa e provocadora, todo o brilho e abastança obtidos à custa do suor e das lágrimas dos que trabalham, roubados clinicamente aos que arrastam uma vida de misérias, quando tinham incontestável direito a que lhes faltasse.

Pois vamos ter mais um ano de fome, porque os burgueses querem juntar mais ouro, querem usufruir maiores vantagens na sua vida de prazer, querem conduzir o povo a um maior aviltamento, fazer dêle o animal passivo que era o escravo dos negrados tempos do passado.

E' hão de conseguir-lo, se o povo não se prepara para fazer lhes engolir todo o seu ouro ensanguentado e lamenado, de forma que os façam estoivar de indignação.

Em quanto a população pobre se apresenta cada vez mais fadada e esfarrapada, a burguesia estadia, orgulhosa e provocadora, todo o brilho e abastança obtidos à custa do suor e das lágrimas dos que trabalham, roubados clinicamente aos que arrastam uma vida de misérias, quando tinham incontestável direito a que lhes faltasse.

Os russos acreditam que a revolução se estende ao resto do mundo e Lénine também o crê. M. Sneses diz que o descontentamento de Lénine acerca da política britânica é extraordinário.

Rádio.

Os ingleses vão tratar, de ecto- mente, com o governo russo, das relações comerciais

LONDRES, 3.—Bonar Law declarou que a ida de Krassins a Moscou é motivada pela necessidade que este tem de se entender directamente com as autoridades russas para se concertar um plano definitivo de relações comerciais. Rádio.

Os japoneses ocupam alguns pontos da Sibéria.

LONDRES, 3.—Dizem de Tokio, que Losasack onde os japoneses foram massacrados, Alexandre, outros pontos da Sibéria serão ocupados. Rádio.

Alegrem-se os negociantes Os gafanhotos causam a escassez NEW YORK, 2.—Os gafanhotos devoraram todas as plantações da costa do Estado de Texas. Rádio.

### NÃO APOIADO!

#### LOCUTORIO DUM INSURRECTO

O Avenida Pálace é o mais reputado hotel da nossa capital, e corre mundo a sua fama. Nele se hospedam fidalgos da raiz de quem deu ao mundo, diplomatas de renome universal, milionários incríveis, e celebridades líricas e musicais mais ou menos consagradas. Desta forma acontece que a hora de jantar a Avenida Pálace determina uma reunião de personalidades célebres e mortais, gente de primeira qualidade como o feijão branco em venda no Grandela, a élite, a quintessência do bom tom, o escol do grand monde, tudo puxado pelo five-o-clock-tea e partidas-gagadas adjacentes. Devo declarar já que o Avenida Pálace conhecido a frontaria apenas. Nunca lá entrei e por duas razões. A segunda é que, nos meios de jantar a Avenida Pálace assentava a sua omnívora omnipotência política, argentina, intelectual, em alianças mais perspicazes e ao mais práctico caminho da fortuna esta moderna forma de distracção da música para a abertura do apetite.

A música é uma coisa que não permite distrações, nem a quem a foga nem a quem a escuta, e muito menos à hora da comida, se é que essa hora de morte para nós se pode chamar de distração, os tempos de crise total que vão passando turvemente, se não com a nossa expressa aqüiescência pelo menos com a nossa vergonhosa complacidez. A música durante as refeições que agora é moda oferecer a quem come por fôrma, não passa de snobismo para quem muito problemáticamente a aproveita e dum recurso comercial para quem dela lança mão. É uma coisa tanto contemporânea e tanto ratazã como um guardanapo, a pescoco antigos de principais e sopa, e como um palito na boca depois da satisfação. O guardanapo quer dizer que quem o coloca é porco e não sabe comer sem se embalar, e o palito mastigado e rematigado não consta, que tenha as propriedades necessárias para desenravar os interesses dos incisivos dos fios de galinha cosida que os trabalhos da triulação lá encaixaram.

Pois Lisboa está incada de músicas nas casas de comes e bebes, produzindo montinhos aqui e ali dos que não tem dinteiro para comer, se contentam em ter, enquanto lhe não proibirem, ouvidos para ouvir. São estes, afinal, os beneficiados. Os outros comem, beem, conversam, riem e só muito dificilmente, na confusão das vassas com molho de tomate, apercebem as notícias, através as torturas de digestão e a sua perturbação toda alcóolica, que já terá feito, certamente, com que batam palmas para pedir á criada um tournedo sustentado ou qualquer outra iguaria saborizante.

Mas perdão. De tanto lhes falar em começo a lembrar-me de que comigo a última vez haja sido horas bem puxadas, o que, francamente, é demais para quem trabalha oito e ainda por cima tem que fazer um artigo a bem ou a mal. E como ainda se não descobriu a maneira de fazer artigo sem fazer concomitantemente a vontade a messer Gaster vou trocar, se me dão licença, a caneta pelo garfo, tanto mais que já me cheira ao estupor do carneiro. São servidos?

Antero de LIMA

desaparecerá, sem sinais sequer deixar de si. Mas é tanta a certeza de ainda na véspera à noite a possuir. Querem ver que aquela... querem ver?... Certo é que a excelsa e distinta dama desaparecerá, naturalmente porque o seu brilho, a sua formosura, a sua distinção e o seu colar de pérolas suspeitas a tornavam indispensável noutras paragens. Esta aventura, divulgada na cosinha, exacerbou ao último ponto o zedum dos criados. «Estes pilhas...» Um outro qualquer insignificante factos fez rebentar a explosão, e deu saída aos ressentimentos represados. «Estes pilhas...» Quando, há três dias, se reiniciaram, à hora de jantar, no opulentíssimo triclinium do Avenida Palace, os convidados dourados, a sociedade brillante, o escol, a élite, eis que a criadagem insurrecionada declara a greve e levanta a mangedoura aos incertos personagens, tirando-lhes os talheres, levantando as cadeiras onde deveriam repousar os fidalgos posteriores da não menos fidalgos assistência. «Estes pilhas...» Foi ontem dar, no João do Rio, com um dos sabotados, uma ilustra vítima da greve: um barão montenegro, vejam lá. Contou-me a história indignadamente. Depois mandou vir meia desfeita, preguntou pelo caldo, e, tendo-me pedido um cigarro com muito desembargo, escapuliu-se subrepticiamente sem pagar a despesa. «Estes pi-

**O caso do Avenida Palace**

Como se passaram os factos

Publicamos cíntem uma nota do governo civil, com os comentários que o caso requeuiu pela sua excentricidade, nota em que era comunicada a prisão de 15 empregados do Avenida Palace, por se negarem a trabalhar naquele hotel.

No intuito de averiguarmos como os factos se haviam passado, pois tinhamos fortes motivos para pôr de remissa, a versão feita correr pela gerência, fomos de longada até ao suntuoso hotel, mas logo soubermos que o gerente se negava a receber quem quer que pretendesse tratar do assunto, e muito menos gente dos jornais. Não desistimos, porém, do nosso propósito, algo tendo conseguido apurar, como vai ver-se.

O Avenida Palace foi há tempos tomado de trespassar por uma empresa de avos ricos, cognominada Companhia das Grandes Hotéis, da qual fazem parte Castanheira de Moura e Guilherme Pessoa Pombinha. A gerência desse estabelecimento foi entregue a criaturas incompetentes, que nada conhecem de *metier*, o que tem dado lugar a muitas irregularidades, as quais tem levado o pessoal a fazer algumas justas reclamações, que nunca foram atendidas.

Uma das exigências que a gerência fez ao pessoal da mesa foi a de obrigar-lhe a pagar toda a louça que se quebrasse, quer fôsse partida pelos hóspedes, pessoal de cozinha, copa ou limpeza, o que se nos figura uma medida simplesmente brutal.

Como os empregados de mesa achavam esta imposição inadmissível, e com toda a justiça assim a reconhecemos nôs também, reclamaram contra ela, não fazendo caso a gerência dos seus protestos.

Por tal motivo, no dia 1 do corrente, à hora do almoço, o pessoal, cheio de razão e com o apoio do chefe de mesa, Farruch, levantou todo o serviço que já estava posto, colocando as cadeiras em cima das mesas, recusando-se, portanto, a servir os hóspedes. Este gesto decidido levou o gerente a chamar imediatamente a polícia, mandando prender todo o pessoal de mesa, que foi conduzido para os calabouços do governo civil, onde se encontra à sua ordem, arriado de ter praticado estes dois graves delitos: negar-se a trabalhar e fazer sabotagem, a qual sabotagem consta dos factos acima expostos.

Conseguimos ainda apurar que apesar de estarem fazendo serviço no hotel dois empregados de mesa, um dos quais já homem de idade, devendo o outro retirar-se hoje.

Fora do elevador está afixado um cartaz em português, com os seguintes dizeres:

"A partir de hoje é suprimida a pensão, sendo servido só um pequeno almoço.

Lisboa, 1 de Julho de 1920."

Dentro do elevador está outro cartaz, em francês.

Soubemos também que o chefe de mesa, que havia apoiado e até incitado os empregados a recusarem-se a fazer serviço, continua no hotel, devido para cair nas boas graças da gerência, andando neste caso, manhosamente, a fazer o jôgo das duas partes.

Foi isto o que se passou no Avenida Palace, encontrando-se ainda nos calabouços do governo civil os 15 empregados, que são franceses, italianos, espanhóis e portugueses.

Não encontramos razão para que fossem presos aqueles trabalhadores, pois toda a gente tem direito a mandar em si e é desta forma que se compreende a tam decantada liberdade de trabalho, que para ai pregoam constantemente os nossos políticos de pacotilha.

Acharam os grevistas uma violência, como nôs achamos e como todos aqueles que temem devem achar, ofegá-los a pagar prejuízos de que não fôram causadores, e isso levou-os a abandonar o trabalho, porque não estavam dispostos a sujeitar-se a regime tam escravizante.

Portanto, a sua prisão representa uma arbitrariedade, e é de justiça que sejam postos em liberdade para não termos que assistir a mais um acto que pela sua violência tem indignado profundamente todas as pessoas que não comungam nas ideias dos novos ricos da Companhia das Grandes Hotéis.

Comunicado da Associação

Da Associação dos Empregados de Hotéis e Restaurantes, recebemos o seguinte comunicado:

Esta associação, para evitar mal entendidos que podem prejudicar a nossa colectividade, vem a público expressar os verdadeiros factos que se acusavam os empregados do Avenida Palace de ter praticado de actos de sabotagem.

Tinha sido imposto aos empregados, pela direcção do hotel, o pagamento de 51800\$00, que deviam desferir no serviço durante o mês p. r. p. com a ameaça de que se recusassem a saírem o dito pagamento.

Em face dum ameaça de tal natureza, acordaram todos que não era justo pagar a referida importância, tornando a resolução de arruinar a mesa de jantar, colocando-a no seu próprio lugar.

Só isto que a Companhia considera um acto de sabotagem — não se sujeitaram os empregados às imposições do director, subido francês, que sempre tem mostrado má vontade para com o pessoal nacional e agressiva, e mesmo praticamente com o pessoal estrangeiro, manejando derrizadas.

Nesta conformidade a classe tem em consideração o acto praticado pela imprensa do Avenida Palace, enquanto os nossos companheiros não fôrem postos em liberdade e indemnizados dos prejuízos de que fôram vitimas.

A classe conserva-se em sessão permanente.

Bilhete de identidade achado

Foi depositado, na nossa administração, um bilhete de identidade pertencente a um empregado do ministério do Trabalho, que será entregue.

PERSONAL DA IMPRENSA NACIONAL

Uma comissão de gráficos da Imprensa Nacional, acompanhada do director geral do estabelecimento, representou ontem ao presidente do ministério novamente sobre a situação preocupa em que o pessoal se encontra, por motivo da carestia da vida, assunto que demanda pronto remédio, aliás a Imprensa Nacional arrisca-se a ficar sem breve sem tipógrafos.

**Teatro da Irlanda S. T. L.**  
Empresa Taveira  
Sucesso inegualável  
A mais linda revista  
dos últimos tempos  
O elenco mais sensacional  
**CHA E TORRADAS**  
Desempenho notabilíssimo  
DE  
Angela Pinto, Emilia de Oliveira,  
Tereza Taveira, Alberto Ghira  
e Teodoro Santos

**Contra os senhores gananciosos****Um senhorio feroz**

Temos em nosso poder um exemplar dum manifesto dirigido ao presidente de Campo de Ourique, em que aponta um senhorio sem escrúpulos que atirou para a rua com a sua chie de numerosa família, Arizt Avila Fernandes, inquilino do prédio n.º 27 da rua de São João dos Bemcasados, 1.º andar, seu pão e sem abrigo, rodeado de 6 filhos menores, o mais velho dos quais tem apenas 7 anos, pelo critério de trabalhar em sua casa para ganhar o pão da família, em quanto que o seu aluguel, o senhorio José Nunes da Silva Morgado, comercearia na mesma rua, explora no seu balcão o povo produtor.

E é um númer acabar de infâncias, não sabendo nôs como a paciência do povo é tam inexgotável perante estes atentados.

**Mais um que destella a casa**

Vários senhorios, no desejo de aumentar os rendimentos das suas propriedades, tem solicitado licenças à Câmara para a execução de obras urgentes, isto com o fim de despedirem os inquilinos, aos quais, pela lei do inquilinato, não podem elevar as rendas, depois exigirem aos novos arrendatários importâncias muito mais elevadas.

A Câmara, em virtude de vistorias, tem reconhecido que as obras que os proprietários desejam fazer não são de absoluta necessidade nem urgentes, e por isso as licenças que tem passado são de carácter condicional, isto é, as obras só podem ser executadas com autorização dos inquilinos.

Munidos da licença, os senhorios, sem autorização alguma dos inquilinos, antes com o protesto déstes, começam fazendo as obras, levando alguns o seu arrójio a destelhar os prédios, tornando assim as casas inabitáveis.

Perante tal procedimento, alguns inquilinos temem mudado, fazendo assim a vontade aos proprietários e amanando-os a maiores processos.

Algumas, porém, não se tem conformado, apresentando queixa na Câmara Municipal, a qual, pela sua polícia, sob as ordens do chefe Aleixo, tem cassado a licença dos proprietários, depois de haver verificado que a condição nela exarada, do acordo com o inquilino, não fôra cumprida.

Ontem apresentou-se nos Paços do Concelho o sr. Carlos da Conceição Serra, residente na rua Quarto de Infanteria, 76, 1.º direito, a queixar-se ao sr. vice-presidente da Comissão Executiva de que o seu senhorio, sem o seu acordo, lhe havia destelhado a casa, isto não obstante a licença passada para as obras declarar que estas só poderiam ser executadas com autorização dos inquilinos.

Foi imediatamente dada ordem à polícia para cassar a licença e intimar o proprietário a parar com as obras sob pena de prisão.

Passelo de contrateirização opária a Neiras

Da comissão promotora déste passeio recebemos a seguinte nota:

Reina grande entusiasmo entre a classe trabalhadora por este magnifico passeio, por se dedicar á nossa querida Batalha e ao grupo promotor, e ainda por estreitar mais os laços de amizade que existem entre os camaradas de Oeiras e de Lisboa.

Os bilhetes tem tido grande procura, mas quanto maior fôr o número de excursionistas maior será o produto para o nosso querido jornal, pois todos nós devemos unir para o não deixarmos desaparecer, porque se ele suspender a sua publicação por falta de muñecos, seremos apontados pelo operário, que é portanto preciso angariar donativos para que ele amaneça, como o grande orgão do proletariado, como deseja.

O resto dos bilhetes encontram-se à venda na redacção de *A Batalha*, Sindicato Único da Construção Civil, S. U. Mobiliário, S. U. Metalúrgico, Sindicato dos Manufacturadores de Caçado, Alfaiates, Caldeiros, Secções do Alto do Pino e Palma de Cima e sede do Grupo Dramático e Musical Solidariedade da Construção Civil, rua de Santa Catarina, 40.

A "parede," dos médicos

As Comissões mutualistas das Federações Nacional e Regional do Sul, que ontêm estiveram na secretaria do trabalho, a convite do respectivo ministro, afirmaram ao dr. sr. Costa Júnior o desejo de que se ponha termo ao conflito mutualista que, segundo disseram, só existe, por motivo da intrinsecidade dos médicos das associações.

Afirmaram ainda as mesmas comissões que as associações não podem satisfazer a exigência do pagamento aos médicos de \$05 por sócio e por semana e que haviam aconchegado aquelas olectividades a fazerem o aumento de vencimentos dos clínicos, mas dentro do possível.

As Federações reclamaram também provisões ao ministro do trabalho a propósito de se encontrarem abandonados alguns doentes pertencentes às associações de socorros mútuos.

O dr. sr. Costa Júnior pôs à Federação que convocasse uma reunião das associações, afim de se conhecer o aumento que elas estão dispostas a conceder aos médicos.

Segundo consta, as Federações vão conselhos as associações a fazerem a distribuição pelos sóciós doentes dos honorários que os médicos têm de receber em consequência de se encontrarem em greve.

**Vida cara e difícil**

Condenação dum mixordeiro

Responderam ontem no Governo civil: Francisco Garrido, com carvão na rua dos Bacalhoeiros, 120, por ter carvão songado; Albino Marques da Silva, vendedor ambulante, por vender leite adulterado, e outros que estiverem por falta de provas e Manuel David Matos, por vender leite adulterado, sendo condenado na multa de 1.000 escudos, que pagou.

Corda no pão

O operário Eduardo da Silva Fraga diz-nos que tendo sua companheira comprado um sapato na loja, na rua de S. Bento, em frente ao Mercado, quando o partiu encontrou dentro um pedaço de corda, como tivemos ocasião de verificar.

Esses senhores da Moagem e da Panificação estão, na verdade, tecendo a corda que os há de enfocar, fornecendo desde lá amostras ao consumidor.

**As greves****Pessoal dos fôstos**

Continua a greve do pessoal da Companhia dos fôstos em virtude de não terem sido atendidas as suas reclamações.

O pessoal conserva-se em sessão permanente, na sede do seu sindicato.

No ministerio das finanças esteve ontem a comissão encarregada de solucionar o conflito, não podendo avistar-se com o presidente do ministerio, por se encontrar em Belém.

Deve hoje reunir, ao meio dia, o pessoal para ouvir o resultado das demarques levadas a cabo pela comissão.

**NO PORTO**

Os cortadores e contra-mestres de clarame se em greve contra os oficiais de alfaiate em luta

— Papel indigno — Mancos industriais — Falta de pa-

lavra

PORTO, 1-C.—Como já noticié, o momento dos oficiais de alfaiate agravou-se, e o governo fez de cima um plano estudado por algumas industrias, que pretendem que os seus cortadores e contra-mestres se secessem contra os seus colegas, assassinando-os, e abrigando, rodeado de 6 filhos menores, o mais velho dos quais tem apenas 7 anos, pelo critério de trabalhar em sua casa para ganhar o pão da família, em quanto que o seu aluguel, o senhorio José Nunes da Silva Morgado, comercearia na mesma rua, explorando no seu balcão o povo produtor.

E é um númer acabar de infâncias, não sabendo nôs como a paciência do povo é tam inexgotável perante estes atentados.

Deve hoje reunir, ao meio dia, o pessoal para ouvir o resultado das demarques levadas a cabo pela comissão.

**NO PORTO**

Os cortadores e contra-mestres de

clarame se em greve contra os oficiais de alfaiate em luta

— Papel indigno — Mancos industriais — Falta de pa-

lavra

PORTO, 1-C.—Como já noticié, o momento dos oficiais de alfaiate agravou-se, e o governo fez de cima um plano estudado por algumas industrias, que pretendem que os seus cortadores e contra-mestres se secessem contra os seus colegas, assassinando-os, e abrigando, rodeado de 6 filhos menores, o mais velho dos quais tem apenas 7 anos, pelo critério de trabalhar em sua casa para ganhar o pão da família, em quanto que o seu aluguel, o senhorio José Nunes da Silva Morgado, comercearia na mesma rua, explorando no seu balcão o povo produtor.

E é um númer acabar de infâncias, não sabendo nôs como a paciência do povo é tam inexgotável perante estes atentados.

Deve hoje reunir, ao meio dia, o pessoal para ouvir o resultado das demarques levadas a cabo pela comissão.

**NO PORTO**

Os cortadores e contra-mestres de

clarame se em greve contra os oficiais de alfaiate em luta

— Papel indigno — Mancos industriais — Falta de pa-

lavra

PORTO, 1-C.—Como já noticié, o momento dos oficiais de alfaiate agravou-se, e o governo fez de cima um plano estudado por algumas industrias, que pretendem que os seus cortadores e contra-mestres se secessem contra os seus colegas, assassinando-os, e abrigando, rodeado de 6 filhos menores, o mais velho dos quais tem apenas 7 anos, pelo critério de trabalhar em sua casa para ganhar o pão da família, em quanto que o seu aluguel, o senhorio José Nunes da Silva Morgado, comercearia na mesma rua, explorando no seu balcão o povo produtor.

E é um númer acabar de infâncias, não sabendo nôs como a paciência do povo é tam inexgotável perante estes atentados.

Deve hoje reunir, ao meio dia, o pessoal para ouvir o resultado das demarques levadas a cabo pela comissão.

**NO PORTO**

Os cortadores e contra-mestres de

clarame se em greve contra os oficiais de alfaiate em luta

— Papel indigno — Mancos industriais — Falta de pa-

lavra

PORTO, 1-C.—Como já noticié, o momento dos oficiais de alfaiate agravou-se, e o governo fez de cima um plano estudado por algumas industrias, que pretendem que os seus cortadores e contra-mestres se secessem contra os seus colegas, assassinando-os, e abrigando, rodeado de 6 filhos menores, o mais velho dos quais tem apenas 7 anos, pelo critério de trabalhar em sua casa para ganhar o pão da família, em quanto que o seu aluguel, o senhorio José Nunes da Silva Morgado, comercearia na mesma rua, explorando no seu balcão o povo produtor.

E é um númer acabar de infâncias, não sabendo nôs como a paciência do povo é tam inexgotável perante estes atentados.

Deve hoje reunir, ao meio dia, o pessoal para ouvir o resultado das demarques levadas a cabo pela comissão.